

A ANÁLISE DE DESCRIÇÕES DEFINIDAS COMO SINTAGMAS DE MEDIÇÃO EXTENSIVA

*The analysis of definite description and adjectives
when used as adjunct predicates*

Ana Paula Quadro Gomes*

1 QUESTÃO TEÓRICA DE FUNDO: A DISTINÇÃO ENTRE MASSIVOS E CONTÁVEIS

Este artigo se reporta ao debate sobre a distinção entre massivos e contáveis. Defensores famosos da onipresença dessa distinção são Link e Chierchia. Nessa visão tradicional, os modificadores/quantificadores são sensíveis ao número dos sintagmas nominais e ao fato de o nome ser de categoria massiva ou contável. A corrente teórica oposta, liderada por Borer (2005), defende que dividir as raízes nominais (*stems*) em massivas e contáveis é um equívoco. As diferenças distribucionais entre itens lexicais como “ar” e “cadeira” são analisadas como desprovidas de qualquer base categorial. Borer defende que a aparente seleção exclusiva de nomes contáveis ou de massivos por modificadores nominais é puramente estrutural. Grosso modo, os ditos nomes contáveis são sintagmas nominais com mais estrutura; os ditos nomes de massa são simplesmente quaisquer sintagmas nominais com uma estrutura bastante pobre.

Dadas as diferenças distribucionais e interpretativas entre os nomes de massa e os contáveis observadas em PB (português do Brasil) tanto em NNs (nomes nus) quanto em DDs (descrições definidas) e em QPs (sintagmas quantificados), concluiremos neste artigo que não é possível analisá-las como efeitos da diferença de riqueza na estrutura dos sintagmas.

* Doutoranda da Universidade de São Paulo, pesquisadora associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

2 COMO OS DADOS DE “TODO” SE RELACIONAM À DISTINÇÃO ENTRE MASSA E CONTÁVEIS

2.1 TEORIAS DE ESTRUTURAS DE PARTE-TODO NA DESCRIÇÃO DE NOMES DE MASSA E DE CONTÁVEIS

Segundo uma teoria mereológica, na linha de Chierchia (1998), Link (1986) e Krifka (1998), toda denotação é uma estrutura de parte-todo (um semi-reticulado). A distinção entre as denotações plurais e as singulares equivale a uma diferença na composição dos semi-reticulados. Para Link, a estrutura mereológica dos nomes singulares apresenta apenas átomos isolados, e a dos plurais inclui todas as possíveis associações entre os átomos (as moléculas).

A noção de átomo tem tido um grande destaque na literatura sobre massivos. É comum assumir que denotações massivas são estruturas de parte-todo sem átomos. Mas Chierchia defende que as denotações massivas são tais como as dos plurais contáveis: semi-reticulados com átomos e todas as combinações que possam ser obtidas entre eles. Apenas é difícil distinguir aquilo que conta como átomo em massivos. Por exemplo, na denotação de um nome de massa como “ar”, que porção de “ar” é um átomo? Não existe uma porção pré-determinada que constitua um átomo de “ar”, embora qualquer falante saiba o que considerar como um átomo de “cadeira”. A obviedade intuitiva sobre o que considerar um átomo em uma denotação contável contrasta com a ausência de uma unidade-padrão equivalente num nome de massa.

Assumindo que a distinção contável versus massivo reside na impossibilidade de padronizar os átomos das denotações massivas, interessa ao debate sobre o estatuto dos nomes massivos o exame das operações de medição, uma vez que o que elas fazem é padronizar as partes denotacionais mínimas com a propriedade atômica segundo uma unidade dada, para permitir sua contagem.

A diferenciação quanto à padronização das partes no semi-reticulado (pré-existente para nomes contáveis, mas inexistente para nomes de massa) é captada pela tradicional máxima de que nomes de massa não podem receber contagem cardinal diretamente, enquanto os nomes contáveis podem (“3 cadeiras” versus *, “3 ares”). Os nomes de massa precisam ser medidos antes de ser contados (* “3 ares” versus “3 litros de ar” / “3 m³ de ar”). Cardinais “contam” átomos do tipo unidades padronizadas (equivalentes em forma ou tamanho).

2.2 NOMES DE MASSA SE OPÕEM A CONTÁVEIS EM SINTAGMAS NOMINAIS COMPLEXOS?

Os quantificadores distinguem entre contáveis e massivos? Os quantificadores distributivos operam sobre as partes denotacionais dos nomes em sua restrição. O PB tem dois: “cada” e “todo”. “Todo” é capaz de distribuir sobre partes denotacionais não-padronizadas, diferentemente de um “cada”, que só distribui sobre átomos equivalentes. O par mínimo abaixo ilustra esse ponto:

- 1 (a) R\$ 50,00 por todo camarão que o casal puder comer
- (b) R\$ 50,00 por cada camarão que o casal puder comer

O casal pagar os R\$ 50,00 para a esposa consumir apenas meio camarão e o marido devorar 15 é uma situação em acordo com o enunciado do restaurante em (1a). O fato de admitir menos que um camarão inteiro mostra que “todo” permite a leitura “massiva” do nome nu em sua restrição (“camarão” como espécie de carne). Entretanto, o casal do exemplo pagaria R\$ 800,00, segundo o enunciado (1b). A promessa do anúncio com “cada” é outra: os R\$ 50,00 serão cobrados pelas partes “atômicas”¹ da denotação do nome na restrição do quantificador.

Crucialmente, “camarão”, na restrição de “cada”, admite apenas a interpretação contável (de unidade individual, de um animal inteiro), estando abolida a leitura de “carne de camarão”. Já “todo” permite denotações com partes desiguais em sua restrição. “Cada” distribui a predicação apenas por “átomos” (unidades mínimas equivalentes) da denotação em sua restrição. O fato de “cada” não aceitar nomes de massa em sua restrição reitera essa análise: * “cada ar”, * “cada poeira”, * “cada metanol” etc. “Todo” aceita bem esses nomes, porque não exige equivalência entre as partes: “todo ar”, “toda poeira”, “todo metanol”.

Tal distribuição reitera que a oposição massivo versus contável se mantém mesmo em SQs. Esses dados contrariam a tese de Borer de que uma alta complexidade estrutural produza apenas interpretações contáveis.

2.3 “TODO” TOMA NNS E DDS EM SUA RESTRIÇÃO

Vimos que um nome nu na restrição de “todo” pode ter “interpretação” massiva ou contável, pois a falta de equivalência entre as partes da denotação nominal na restrição desse quantificador não obsta sua

¹ A noção de “átomo” aqui assumida é: “partes mínimas com propriedade atômica, padronizadas: unidades equivalentes entre si”.

distribuição. Por isso mesmo, os dados de “todo” interessam para uma averiguação do estatuto especial dos nomes massivos. Interessam também porque, na restrição de “todo”, podem entrar NNs (2a), DDs singulares (2b) e DDs plurais (2c):

- 2 (a) Todo brasileiro pára para ver a copa do mundo.
- (b) Todo o País pára para ver a copa do mundo.
- (c) Todos os brasileiros param para ver a copa do mundo.

Estamos diante de um distributivo que não só aceita partes mínimas desiguais (cf. 2b), mas também sintagmas nominais de riqueza estrutural bem distinta, como NNs e DDs. Borer associa interpretação contável e riqueza de estrutura. A quantidade de estrutura interna presente no sintagma nominal na restrição de “todo” deve, se a teoria de Borer estiver correta, interferir no tipo de interpretação obtida.

3 NÍVEIS DE RIQUEZA DE ESTRUTURAÇÃO SINTÁTICA EM PB: DDS VERSUS NNS

Krifka (1998) destaca dois PPs (sintagmas de preposição) marcadores da duração de um evento: os “advérbios de intervalo” (com a preposição “in”, do inglês, ou “em”, em PB) e os “advérbios de medição” (com a preposição “for”, em inglês, ou “por”, em PB). Numa sentença que aceita modificação por advérbios de intervalo, o sintagma nominal em posição de objeto direto é quantificado. A propriedade de ser quantificado se opõe à de ser cumulativo. Numa denotação quantificada, estamos diante de uma quantidade definida: nenhuma parte dessa denotação satisfaz essa mesma condição de quantidade, que é satisfeita exclusivamente pelo todo². Já se uma sentença aceita modificação por advérbios de medição, o sintagma nominal em posição de objeto direto é cumulativo. Partes dessa denotação nominal podem ser designadas pela mesma expressão que designa o todo³. O teste distingue entre níveis de estrutura nominal diferentes em PB, isto é, separa DDs de NNs:

- 3 (a) Maria lavou **prato[s]** *em dez minutos/ por dez minutos.
- (b) Maria lavou **o[s] prato[s]** em dez minutos/ *por dez minutos.
- 4 (a) Maria bebeu **café[s]** *em dez minutos/ por dez minutos.
- (b) Maria bebeu **o[s] café[s]** em dez minutos/ *por dez minutos.

² Por exemplo, nenhuma parte da denotação de “3 cadeiras” pode ser também descrita como “3 cadeiras”.

³ Por exemplo, várias partes da denotação de “cadeiras” também constituem, em si mesmas, uma possível denotação para “cadeiras”.

Os exemplos em (3) são de um nome contável: “prato”⁴. Já os exemplos em (4) envolvem um exemplo de nome de massa, “café”⁵. Não obstante, ambas as sentenças com o NN, (3a) e (4a), aceitam advérbios de medição para marcar a duração do evento⁶. O teste indica que NNs, sejam massivos ou contáveis, singulares ou plurais, são denotações cumulativas. Já os eventos das sentenças (3b) e (4b) só podem ter sua duração marcada pelo advérbio de intervalo. Logo, DDs, singulares ou plurais, com nomes massivos ou contáveis, são quantificadas: denotam uma quantidade definida, a que só o todo (e nenhuma parte isoladamente) satisfaz.

Temos de concluir que a riqueza de estrutura interfere na interpretação dos sintagmas nominais. No caso dos NNs, o todo do semi-reticulado representa sistematicamente uma quantidade indefinida. No caso das DDs, o todo do semi-reticulado sempre representa uma quantidade fixa, determinada. O nome ser massivo ou contável não faz nenhuma diferença quanto ao sintagma nominal ser quantificado ou cumulativo.

Entretanto, o teste dos advérbios indica a natureza do todo, numa estrutura de parte-todo, mas nada diz a respeito da natureza das partes. Havíamos assumido que a distinção categorial entre massivo e contável está fundada na natureza das partes denotacionais. Assim sendo, precisamos de outros testes, que sejam sensíveis à natureza das partes. Propomos usar os NNs como sujeitos sentenças cujo predicado exija a ordenação de suas partes mínimas denotacionais. Nos sujeitos de predicados de posicionamento físico relacional, uma entidade toma como referência a outra, exigindo uma separação inequívoca entre as partes ordenadas. Predicados como “um sobre o outro”, “um ao lado do outro”, “um atrás do outro” etc. servem ao nosso propósito, pois exigem que se encontrem na denotação partes mínimas separadas, a fim de que elas possam ser arranjadas de acordo com as posições determinadas pelo predicado. Vamos por a teste os nomes massivo e contável de (3/4):

⁴ O plural no NN contável implica que se está falando de dois ou mais indivíduos.

⁵ A morfologia de plural no NN de massa leva à interpretação taxionômica; em vez de duas ou mais unidades equivalentes, o termo designa dois ou mais tipos de café.

⁶ As sentenças com NNs com a preposição “por” têm leitura de atividade. o PP indica por quanto tempo alguém esteve fazendo algo. Em vez de ter completado o evento, o agente pode tê-lo interrompido. Por exemplo, “Maria lavou pratos por 10 min” não implica que todos os pratos foram lavados nos 10 min em que ela fez isso; contrastivamente, “Maria lavou os pratos em 10 min” implica que cada prato do conjunto foi lavado nesse tempo. As sentenças com DDs e a preposição “em” têm leitura de accomplishments, ou seja, de evento esgotado, com certo resultado (no caso, o total de pratos, que antes do evento estava sujo, passa a estar limpo).

- 5 (a) Nesta casa, **prato[s]** se guarda[m] um em cima do outro no armário.
(b) #Com esta cafeteira elétrica, **café[s]** cai/ caem um em cima do outro na garrafa.

É fácil entender, por (5a), que os pratos são empilhados dentro do armário de louça. Mas é impossível entender por (5b) que porções de café são empilhadas dentro da mesma garrafa. Só NNs com nomes contáveis formam boas sentenças com predicados de ordenação. A impossibilidade de ordenar as partes de um NN com nome de massa se deve à inexistência de uma separação inerente entre suas partes denotacionais. Mais um exemplo:

- 6 (a) **Menino[s]** senta[m] um ao lado do outro na escola.
(b) #**Água[s]** fica[m] uma ao lado do outra no mar.

Novamente, a despeito de a quantidade total de “menino” e a de “água” estarem igualmente indefinidas, não há problema em posicionar cada parte da denotação de “menino” em pontos do espaço relativos aos ocupados pelas demais; mas esse posicionamento relativo é inviável com as partes mínimas de “água”, pois não está dado como se separa “uma água” de outra.

O contraste verificado entre nomes de massa e contáveis em (5) e (6) mostra que a riqueza de estrutura nada tem a ver com a natureza das partes denotacionais, e sim diz respeito apenas à natureza do todo, nos semi-reticulados. Falta examinarmos sintagmas nominais mais ricamente estruturados. Vejamos se a oposição massivo-contável persiste nas DDs plurais.

- 7 (a) **Os meninos** francês e italiano sentam um ao lado do outro na escola.
(b) #**Os vinhos** francês e italiano estão um ao lado do outro nesta taça.

A resposta do teste é afirmativa. Vinhos de diferentes procedências não podem tomar posição lado a lado dentro do mesmo recipiente, mas meninos de procedência diversa assumem tranquilamente posições adjacentes no mesmo local. E quanto às DDs singulares?

- 8 (a) ***O menino** (francês e italiano) senta um ao lado do outro na escola.
(b) ***O vinho** (francês e italiano) está um ao lado do outro nesta taça.

É possível conceber um menino franco-italiano ou um vinho ítalo-francês. Porém, um único menino não pode se sentar ao lado de si mesmo. Também não é possível situar uma parte mínima da denotação atribuída a “o vinho” em certo enunciado ao lado de uma outra parte dessa mesma denotação, na mesma taça. Então (8a) e (8b) mostram a impossibilidade de ordenar as partes denotacionais em DDs singulares, com nomes massivos ou contáveis.

Mas “o menino” e “o vinho” atingem esse resultado comum por caminhos diferentes. Para um nome contável, o valor do átomo é pré-estabelecido. Tomar um indivíduo como parte mínima atômica é inerente ao nome. Na denotação de “o menino”, nenhuma parte menor é, por si só, “o menino”. O predicado em (8) exige pelo menos dois meninos para justapô-los espacialmente, e a DD singular com nome contável só tem um para oferecer.

Já as partes denotacionais de nomes de massa não estão associadas a uma dimensão inerente. O problema em (8b) não é a falta de partes denotacionais que correspondam, em si, à descrição definida. Supondo que, em (8b), “o vinho” seja 200 ml de vinho, metade disso também seria “o vinho”. Existem partes na denotação de uma DD singular com nome de massa, embora essas partes não apresentem a mesma quantidade do todo. Entretanto, sem usar recipientes diferentes ou medidas, não temos como individuar essas partes, separando umas das outras. Isso seria possível se usássemos uma taça para o vinho italiano e outra para o vinho francês; ou se, antes de misturá-los, medíssemos a quantidade de cada procedência. Então poderíamos afirmar que a taça em questão contém 200 ml de vinho, dos quais 100 ml é de vinho francês e os outros 100 ml são vinho italiano. O problema em (8b) é a falta de um critério inerente para separar uma parte de outra na denotação de um nome de massa. Não sabemos de antemão o que contar como “átomo” numa denotação massiva (cf. Chierchia).

Assim sendo, mesmo numa DD singular a diferença entre massivo e contável existe. A DD singular com nome contável denota o único indivíduo da espécie naquele contexto (o único menino). A com nome de massa denota a máxima quantidade existente na situação dada. A denotação de “o vinho” tem de abranger todo o vinho presente no contexto de fala.

3.1 FLEXIBILIDADE NA QUANTIDADE DENOTADA EM DDS SINGULARES COM NOME DE MASSA

Defendemos explicações distintas para o fato de as DDs singulares com nome contável e de as com nome massivo não passarem no teste de predicados de ordenação, que pedem pluralidade de partes distinguíveis.

Defendemos que uma DD singular com nome contável não tem partes; já uma com nome de massa tem partes, mas não há como isolá-las. Além de nenhuma DD singular poder ser argumento de predicados de ordenação, toda DD singular é uma denotação quantificada. Mas há diferenças aí também. Em DDs singulares, nomes de massa apresentam uma flexibilidade em quantidade que os contáveis não apresentam. Se modificarmos o contexto, a cada vez, uma quantidade diferente de vinho corresponderá à denotação da DD; mas a denotação de uma DD com nome contável, como “o menino”, nunca varia em quantidade, por mais que se troque o contexto à vontade.

- 9 (a) O vinho acabou.
(b) O menino nasceu.

No contexto de uma festa de casamento, “o vinho”, em (9a), pode fazer referência a 500 garrafas; no contexto de um jantar a dois, a mesma DD pode remeter a uma garrafa só. Já (9b), dito numa situação com 500 pessoas ou numa com apenas duas, fixa a mesma quantidade para “o menino”: há invariavelmente um único menino no contexto.

3.2 DDS SINGULARES NA RESTRIÇÃO DO QUANTIFICADOR “TODO”

Hávamos dito que o quantificador “todo” requer que o predicado seja verdadeiro das partes denotacionais (padronizadas ou não) do nome em sua restrição. E acabamos de concluir que uma DD singular com nome contável não tem partes. E que uma DD com nome de massa é uma denotação com partes (embora nenhuma dessas partes, isoladamente, iguale, em quantidade, o todo). Se assim for, será possível para “todo” distribuir sobre o sujeito o predicado de (9a), mas não o de (9b). Vejamos:

- 10 (a) Todo o vinho caiu.
(b) *Todo o menino caiu.

Os dados em (10) corroboram nossa análise. Em (10a), o predicado “cair” pode ser aplicado a partes menores da denotação da DD singular. Parcelas da quantidade total de vinho presente no contexto podem ter sido derramadas antes de outras. Em contraste, o predicado “cair” só pode ser verdadeiro do todo, na estrutura de parte-todo que corresponde à denotação da DD com nome contável. Uma versão de (10b), sem o quantificador, é bem-formada (“o menino caiu”). Como nenhuma parte isolada da denotação de uma DD singular contável satisfaz o predicado, (10b) é uma sentença mal-formada. Nos termos de Krifka, “o menino” é uma denotação com propriedade atômica em relação ao predicado “cair”. Mas “o vinho”, não.

DDs singulares com nomes de massa não exibem a propriedade atômica, que é própria e exclusiva de DDs singulares com nomes contáveis.

Uma DD singular com nome contável, na restrição de “todo”, pode formar uma sentença boa com certo predicado e não formar uma boa sentença com um outro predicado:

- 11 (a) *Todo o menino nasceu.
 (b) Todo o menino está sujo.
 (c) A tia cobriu todo o menino de beijos.

As sentenças (11b) e (11c) são bem formadas porque tanto o predicado “estar sujo” quanto o “encher de beijos” podem ser aplicados a partes da denotação “o menino”⁷. Em contraste, nenhuma parte isolada da denotação dessa DD satisfaz o predicado “nascer”. Esse predicado só pode ser verdadeiro do todo, na estrutura de parte-todo correspondente à denotação de “o menino”. A versão da sentença (11a), sem o quantificador, é bem-formada.

Krifka (1998) defende uma noção relacional de “átomo”. Uma “entidade mínima” é portadora de “propriedade atômica” se, numa estrutura de parte-todo, ela tiver a propriedade de constituir a menor parte da soma a apresentar a propriedade em destaque. Logo, a propriedade atômica é regulada pela relação entre o predicado e seu argumento. Uma DD singular com nome contável é atômica quando apenas sua denotação completa atende à s-seleção do predicado (ex: a DD em “o menino nasceu”). A mesma DD não é atômica quando uma parte de sua denotação também satisfaz a s-seleção do predicado (ex.: “o menino está sujo”).

Porém, esse relativismo só estará disponível se a DD estiver na restrição de um quantificador distributivo (ex.: *cada, todo*) ou for modificada por adjetivos de extensão (ex.: *quase, inteiro, completamente* etc.). Sem a presença de modificadores/quantificadores que selecionam partes denotacionais, qualquer predicado é sempre compreendido como aplicado à denotação completa de uma DD, e não a uma ou a algumas de suas partes:

- 12 (a) O menino nasceu.
 (b) O menino está sujo.
 (c) A tia cobriu o menino de beijos.

Se a verdade das sentenças em (11) requeria que as partes denotacionais da DD singular atendessem, isoladamente, aos critérios seletivos do predicado, a interpretação em (12) é sistematicamente aquela em que o predicado se aplica à denotação completa. Na ausência de

⁷ A sujeira/os beijos poderiam atingir apenas seu rosto ou suas mãos.

modificadores/quantificadores como “todo”, uma DD singular com nome contável é sempre atômica. Logo, a denotação primária de uma DD singular com nome contável é atômica. É “todo” que muda (operando um *type-shifting*) a natureza denotacional de DDs singulares com nome contável, promovendo a distribuição do valor do predicado pelas partes denotacionais do sintagma nominal (ex. 11b/c)⁸.

A seguir, detalharemos como ocorre esse *type-shifting*, recorrendo ao conceito de sintagma de medição extensiva de Krifka (1998). Para o momento, ficamos com as seguintes conclusões parciais: características exclusivas de nomes massivos, bem como características exclusivas de contáveis, manifestam-se tanto em NNs quanto em DDs. O próprio fato de “todo” preservar a denotação básica de DDs com nome de massa, promovendo um *type-shifting* apenas em DDs com nomes contáveis, é difícil de acomodar numa análise como a de Borer, segundo a qual o contraste massivo-contável é mera ilusão fabricada pela variação no nível de estruturação sintática dos sintagmas nominais.

4 SINTAGMAS DE MEDIÇÃO EXTENSIVA

4.1 ESTRATÉGIAS DE CONTAGEM PARA NOMES DE MASSA

Como sabemos, os nomes contáveis recebem contagem diretamente (“2 meninos”, “20 cadeiras”), mas os de massa precisam ser classificados ou medidos antes:

- 13 (a) * cinco areias
(b) 4 baldes de areia/ 2 litros de areia/ 1 tanque de areia

Esses fatos estão de acordo com a nossa análise de que as partes da denotação de nomes de massa, como “areia”, diferem das partes da denotação de nomes contáveis: estas são inerentemente identificadas com uma unidade-padrão, mas aquelas não. Daí a necessidade da intervenção de uma unidade de medida como “litro” ou “quilo”, ou de um recipiente-medida, como “balde” ou “tanque”. O papel desse interventor é o de “recortar” em partes equivalentes a denotação nominal. Uma vez que a denotação esteja dividida em partes equivalentes, a contagem já pode ser feita⁹.

⁸ Se as partes não puderem satisfazer a seleção do predicado, a sentença com “todo” será mal-formada (ex. 11a).

⁹ Somente unidades iguais podem ser contadas (não se pode somar um quilo a um copo de arroz e nomear o conjunto como #“2 arrozes”).

Krifka chama sintagmas nominais complexos como “2 litros de areia” de sintagmas de medição extensiva¹⁰. Eles são complexos por englobarem pelo menos dois nomes: o de uma unidade de medida ou de um recipiente (ex.: “litros”, “baldes”) e o nome da substância submetida à medição (ex.: “areia”). Krifka observou que os dois componentes do sintagma complexo têm características fixas: o nome da substância é cumulativo, e o nome da unidade de medida ou do recipiente é quantificado. E não se podem medir denotações já quantificadas:

- 14 (a) dois quilos de maçã(s)
 (b) 100 gramas/ metros de lã
 (c) *100 gramas de 500 metros de lã

A impossibilidade de a expressão “500 m de lã” ser medida pela unidade “grama” (em 14c) vem do fato de “500m de lã” já ser quantificada. Por isso Krifka usou o termo “extensiva”: em alusão ao fato de que somente extensões, ou denotações cumulativas, podem ser medidas.

Para Krifka, sintagmas de medição extensiva são produtos de operações semânticas. A inserção da unidade de medida é o gatilho. Ela dispara uma função que toma como argumento uma denotação cumulativa (“areia”) e leva a uma quantificada (“2 l de areia”).

No caso dos nomes contáveis, a unidade-padrão inerente (equivalente a um indivíduo da espécie) pode ser substituída por outra¹¹. No caso dos nomes de massa, como não há qualquer padronização inerente das partes denotacionais, a unidade de medida é o molde para “recortar” a denotação inteira em partes equivalentes. Krifka descreve a medição como uma operação de (re)organização das partes, produzindo um “todo” com certa configuração de quantidade específica. Portanto, essa função só pode ocorrer em denotações que contenham partes. A existência de partes denotacionais é, pois, pressuposta numa operação de medição.

4.2. NOMES SINGULARES COMO SINTAGMAS DE MEDIÇÃO COM CARDINALIDADE “UM”

Krifka analisa NNs contáveis¹² sem marca de plural como sintagmas de medição extensiva especiais. Uma função default, coberta, leva o predicado a uma unidade de medida pré-determinada (o indivíduo), com

¹⁰ Ele usa o termo em inglês: *Extensive Measure Phrases*.

¹¹ As expressões “2 maçãs” e “2 quilos de maçã(s)” não são sinônimas. O algarismo aplicado diretamente a um nome contável produz um certo número de indivíduos-padrão. Já a inserção de uma unidade de medida como “quilo” opera uma troca na unidade de contagem. O que é contado é o número de unidades dessa medida.

¹² O que denominamos NNs contáveis, ele chama de “singulares”, porque o inglês é sua língua de referência.

cardinalidade sempre igual a 1 (“um”). Por essa análise, “apple” é uma forma curta para “um único indivíduo da espécie maçã”¹⁵.

Precisamos promover algumas alterações nessa definição para que o PB caiba nela. Primeiramente, o nome nu sem morfologia plural do PB, mesmo se for contável, como “maçã”, não constitui um sintagma de medição extensiva. Como dissemos, os NNs são denotações cumulativas; e os sintagmas de medição extensiva são denotações quantificadas. “Maçã”, em PB, não é uma quantidade definida.

Em PB, apenas DDs são sintagmas de medição extensiva. “As maçãs” é “certo número de unidades-padrão de maçã”, uma denotação quantificada que, no todo, corresponde a uma quantidade definida de unidades de medida. As unidades, no caso, são o indivíduo-padrão da espécie “maçã”. O número de unidades é preenchido pelo contexto. Num contexto de fala, “as maçãs” podem ser três indivíduos; em outro, essa DD pode denotar 300 indivíduos; essa flexibilidade decorre do fato de a cardinalidade não estar explicitada no sintagma de medição extensiva. Porém, caso uma unidade de medida seja abertamente realizada, o indivíduo-padrão some de cena. “As cestas de maçã” é também um sintagma de medição extensiva com a cardinalidade em aberto, e também pode designar, num contexto, 3 unidades, e, noutro, 300; porém as unidades agora são as cestas, como medidas de quantidade de maçãs. Finalmente, a cardinalidade pode vir explícita: “as 2 maçãs” são os únicos dois indivíduos da espécie no contexto; “as 2 cestas de maçã” são as duas únicas cestas no contexto contendo essa espécie.

Que nomes de massa não remetam a indivíduos-padrão da espécie está de acordo com o espírito da análise de Krifka, e prevalece na análise do inglês e na do PB. Krifka analisa apenas os nomes contáveis como “apple” como contendo uma função de medida default. Os nomes de massa do inglês, como “air”, não são analisados como trazendo essa função coberta. A análise do NN contável do inglês como uma função de medida fixa, que dá um único indivíduo, pode ser transportada para a DD singular com nome contável em PB. Ficam excluídos os NNs de massa (inglês) e as DDs singulares de massa (PB). Concluímos daí que as línguas naturais podem chegar a arranjos denotacionais diversificados, divergindo quanto àquilo que seus níveis estruturais denotam. O NN contável do inglês é uma denotação singular, quantificada; e o NN contável do PB é uma denotação cumulativa. Mas o NN contável do inglês e o NN de massa do inglês não se comportam do mesmo modo, o que sugere a possibilidade de que a diferença massivo-contável seja universal.

¹⁵ Na ausência de uma cardinalidade explícita, o falante assume a cardinalidade “um”; na ausência de uma unidade de medida explícita, o falante assume o indivíduo-padrão.

4.3 DDS COM DENOTAÇÃO CUMULATIVA SÃO SINTAGMAS DE MEDIÇÃO

4.3.1 DDS Plurais

Seguindo Krifka, assumimos que toda DD plural é um sintagma de medição extensiva; mesmo que um dos nomes do sintagma complexo, o da unidade de medida ou o da substância, não seja abertamente realizado, ele é recuperável no contexto de fala. Uma expressão como “3 cafés” é entendida como “3 unidades-de-medida de café”; aquilo em que consiste essa unidade é informado pelo contexto: pode ser xícara, copo, almofada, pacote...

A diferença entre “2 maçãs” e “2 k de maçãs” consiste apenas na existência de uma unidade-padrão pré-definida e inegociável no primeiro caso; nomes contáveis não são afetados pelo contexto, porque, se a medida não estiver explicitada, a unidade-padrão é sempre o indivíduo atômico. As duas expressões podem ser reduzidas a uma fórmula comum: “2 unidades de medida de maçãs”; num caso, a unidade é obrigatoriamente o indivíduo-padrão; no outro, a unidade é suprida pela expressão “quilo”.

Se uma DD plural é sempre um sintagma de medida, como distinguir entre contável e massivo nesse contexto? Há uma distinção visível na distribuição complementar do morfema de plural [-s]. Com uma unidade de medida explícita, a morfologia de plural não pode ser acrescentada à direita da preposição se o nome for de massa, embora não haja problema em acrescentá-la a nomes contáveis:

- 15 (a) o(s) copo(s) de cerveja *versus* *o(s) copo(s) de cervejas
(nome de massa)
(b) a(s) cesta(s) de ovo *versus* *a(s) cesta(s) de ovos
(nome contável)
(c) os 3 k de carne *versus* *os 3 k de carnes (nome de massa)
(d) os 3 k de maçã *versus* *os 3 k de maçãs (nome contável)

“Quilos de maçã” é sinônimo de “quilos de maçãs” (15d). Mas “quilos de carne” e “quilos de carnes” não se equivalem (15c); a forma plural tem leitura taxionômica (indica que há dois ou mais tipos de carne). O mesmo contraste se observa com os recipientes-medida “copos de cervejas” e “cestas de ovos”: o plural do último sintagma não implica diversidade de tipos, mas o do primeiro, sim. Portanto, no interior do sintagma complexo, marcas lingüísticas diferenciam claramente nomes contáveis de nomes de massa.

Uma outra diferença marcante entre os nomes de massa e os contáveis num sintagma de medição extensiva já havia sido apontada por

Krifka. Para o autor, o nome da unidade de medida (o nome linearmente à esquerda da preposição “de”, em PB) é, em si, uma denotação quantificada, enquanto o nome da extensão, que, em PB, aparece linearmente após a preposição relacional, é necessariamente uma denotação cumulativa. Podemos acrescentar uma outra observação, mais forte: as unidades de medida só podem ser expressas por nomes contáveis. Mesmo que a ordem interna do sintagma seja invertida:

- 16 (a) O garrafão de vinho / a colher de doce
 (b) O vinho de garrafão / o doce de colher

Em (16a) vemos DDs em que nomes contáveis precedem a preposição “de”. Esses sintagmas complexos só podem ser interpretados como uma certa quantidade (de vinho ou doce). A inversão dos constituintes em (16b) provoca ambigüidade. Com o nome de massa precedendo a preposição, tem-se a leitura de uma qualidade de vinho ou doce. “O vinho de garrafão” é um vinho menos caro e refinado que “o vinho de garrafa”; “o doce de colher” tem uma consistência menos firme que “o doce em fatia”. Essa leitura de “tipos” não está disponível para (16a). Em (16a), o nome contável fixa a quantidade de vinho/doce. Em (16b), a quantidade pode variar de situação de fala para situação de fala, pois ainda há uma variável em aberto, a ser preenchida por um nome contável informado pelo contexto:

- 17 O ____ [de] vinho de garrafão

A lacuna representada em (17) é a medida, que não foi fixada. Podemos dizer “Pedro tomou o vinho de garrafão no almoço” no caso de ele ter tomado dois copos desse tipo de vinho. Mas “Pedro tomou o garrafão de vinho” não pode ser acomodado a nenhuma outra quantidade saliente no contexto: o nome contável “garrafão” define o quanto de vinho foi tomado. Krifka prevê que a aplicação de uma nova quantificação a um sintagma já quantificado resulta em má formação para a sentença. Vamos testar:

- 18 (a) Pedro tomou dois litros de vinho de garrafão.
 (b) *Pedro tomou dois litros de garrafão de vinho¹⁴.
 (c) Maria comeu três pratos de doce de colher.
 (d) *Maria comeu três pratos de colher de doce.

¹⁴ A expressão “garrafão de dois litros”, com dois nomes contáveis, forma um tipo de garrafão (“litros” não é o conteúdo); daí ser possível dizer “Pedro tomou um garrafão de dois litros de vinho”. “Garrafão de 2 l” é a unidade de medida, e “vinho”, aquilo que é quantificado.

Sintagmas na forma contável-de-massivo não aceitam nova medição; mas os na ordem massivo-de-contável, sim. Em (18a/b), a expressão “dois litros de” preencheu a lacuna em (17). Vemos por (18a/c) que é possível quantificar sobre uma seqüência massa-preposição-contável. Mas a ordem contável-preposição-massa já é quantificada (18b/d). Esta última não pode sofrer nova medição por já ser um sintagma de medição.

Se os nomes contáveis não são distintos dos de massa, como explicar o contraste em (18c) e (18d)? Os dados apontam para uma especialização de nomes contáveis dentro de sintagmas de medição extensiva. A unidade de medida é expressa exclusivamente por um nome contável. O nome contável antes da preposição é mapeado à unidade de medida. Na ausência de um nome contável antes da preposição, o contexto fornece a unidade de medida.

4.3.2 De volta às DDS singulares

Todas as DDS plurais são sintagmas de medição extensiva. E quanto às DDS singulares? Defenderemos que DDS singulares com nome de massa são, mas DDS singulares com nome contáveis não são sintagmas de medição extensiva por si só, pelo menos não do mesmo tipo¹⁵. O contraste fica claro com predicados como “encher”, “caber”, “completar”, “ocupar” etc.:

- 20 (a) O carro do vizinho ocupa toda a garagem.
 (b) A cerveja da festa ocupa toda a garagem.
- 21 (a) #O carro do vizinho cabe na geladeira.
 (b) A cerveja da festa cabe na geladeira.
- 22 (a) #O carro do vizinho toma toda a gaveta.
 (b) A cerveja da festa toma toda a gaveta.

Variando os lugares que contêm “o carro” e “a cerveja” entre “toda a garagem”, “a geladeira” e “o armário”, vamos atribuir referência constante ao nome desses espaços. “A geladeira” é a mesma em (21a) e (21b), por exemplo. Assumamos que “o carro do vizinho” é o mesmo objeto em todas essas sentenças. As sentenças (21a) e (22a) soam absurdas. No mundo atual, carros são maiores que geladeiras e armários.

Se as sentenças (20b), (21b) e (22b) forem verdadeiras, estaremos considerando, para cada uma delas, quantidades de cerveja diferentes, e a

¹⁵ DDS com nome contável podem ser analisadas como sintagmas de medição extensiva especiais, rigidamente gramaticalizados, cuja unidade de medida default é o indivíduo-padrão, e cuja cardinalidade é sempre igual a um (1).

DD não poderá fazer referência ao mesmo objeto (digamos, a um conjunto de 500 garrafas de 330 ml) em todas as suas ocorrências. Mas as sentenças com “a cerveja da festa” não causam estranheza apesar das mudanças de dimensão nos locais em que é estocada. A acomodação ao contexto ocorre facilmente. Podemos fixar a quantidade de cerveja de acordo com as dimensões da garagem, da geladeira ou da gaveta, porque, na falta de um nome contável anterior à preposição, a unidade de medida é livre para preenchimento pelo contexto. A denotação de uma DD singular com nome de massa é flexível em termos de dimensão/quantidade porque é um sintagma de medição extensiva incompleto, cuja unidade de medida é contextualmente preenchida. Mas uma DD singular com nome contável denota fixamente um só átomo da espécie. A denotação de “o carro” não pode mudar de quantidade conforme o contexto.

Contrastemos a DD singular de nome contável com a plural:

- 23 (a) Os carros do presidente da empresa ocupam duas vagas.
- (b) Os carros do presidente da empresa ocupam o pátio da revendedora.

Nenhuma sentença em (23) é absurda, ainda que a referência de “os carros” não seja constante, porque a quantidade de carros denotada pela DD plural não está pré-estabelecida¹⁶.

Concluimos que, pelo menos em PB, DDs plurais e DDs singulares com nomes de massa são sintagmas de medição extensiva. Uma DD singular com nome de massa aponta para a maior soma (o todo, no semi-reticulado) encontrada no contexto, seja essa soma qual for. Mas DDs singulares com nomes contáveis são peculiares por denotarem uma quantidade fixa, de cardinalidade 1 (“um”), e terem uma unidade de medida inerente: o indivíduo-padrão da espécie. O contexto não afeta a denotação de DDs singulares com nomes contáveis.

¹⁶ A mesma DD pode fazer referência a um total de dois carros (em 23a) ou de 200 carros (em 23c).

4.4 COMO A DD SINGULAR COM NOME CONTÁVEL É TRANSFORMADA EM UM SINTAGMA DE MEDIÇÃO

O paradigma abaixo ilustra como verbos requerem certos traços de seus argumentos:

- 24 (a) Maria lavou o garfo.
(b) *Maria lavou o leite.
(c) Maria lavou os garfos.

“Líquidos” não podem ser “lavados”. Os nomes na DD plural, “os garfos”, e a DD singular com nome de massa, “o leite”, são mapeados à extensão do sintagma de medida. Nomes contáveis em DDs singulares, como “o garfo”, não podem ser mapeados para a extensão. DDs singulares como “o garfo” não contém uma variável correspondente à unidade de medida, a ser preenchida contextualmente. Mas só isso não explica os dados em (24).

A marginalidade de (24b) vem do fato de que “o leite” denota um certo tanto de leite, um tanto que pode ser influenciado pelo contexto. Mas essa DD não pode se referir ao objeto que contém “o leite”. Não se pode compreender (24b) como “Maria lavou a garrafa/o copo que continha o leite”. Também não se pode entender (24c) como “Maria lavou a gaveta em que estavam os garfos”, embora possamos entender a sentença como afirmando que ela lavou garfos em quantidade suficiente para encher uma gaveta. A medida não explicitamente realizada não está disponível para funcionar como argumento do predicado, embora ela defina a quantidade total presente no contexto. Só o nome da extensão na DD pode ser argumento do predicado. Um outro exemplo:

- 25 (a) *Pedro bebeu o vidro.
(b) Pedro bebeu o vidro de xarope.
(c) Pedro bebeu o xarope.

“Beber” seleciona um argumento líquido. Como “o vidro” não satisfaz esse requerimento, (25a) é uma sentença estranha. Naturalmente, a DD em (25c), por denotar uma certa quantidade de líquido, atende à seleção do predicado. Em (25b), dois nomes se compõem num sintagma de medição extensiva completamente expresso. A seleção verbal é satisfeita porque a DD complexa “o vidro de xarope” é um sintagma de medida que denota “xarope em quantidade suficiente para encher um vidro”. “O vidro de xarope” tem a propriedade inerente a “xarope”, de ser líquido, daí (25b) ser uma sentença perfeita.

Aqui entra o efeito de “todo”. Inserido nas sentenças de (25), esse quantificador muda os resultados da seleção verbal.

- 26 (a) Pedro bebeu todo o vidro.
(b) Pedro bebeu todo o vidro de xarope.
(c) Pedro bebeu todo o xarope.
- 27 (a) * Pedro bebeu o vidro. (= 25a)
(b) Maria lavou o vidro.

Primariamente, a DD “o vidro” denota um único objeto sólido, como mostra o fato de ela não atender à seleção de um verbo como “beber”, que requer a propriedade de ser líquido (cf. 26a), mas atender a seleção de “lavar” (cf. 27b), um verbo que não aceita líquidos por argumento. Porém, se realizada na restrição de “todo”, a DD singular com nome contável se torna um sintagma de medição extensiva. Em (26a), “todo o vidro” é compatível com a seleção argumental do verbo “beber”. Entendemos que Pedro esgotou o conteúdo do vidro, bebendo-o. O interessante é que o nome contável “o vidro” continua denotando a unidade de medida. Em (26a), a propriedade de ser líquido, requerida pelo verbo, é satisfeita pela parte do sintagma de medição extensiva, que não está abertamente realizada.

Como “todo” faz isso? Primeiro, a satisfação (ou não) da seleção argumental do verbo por partes do sintagma de medida não realizados distingue nomes contáveis de massivos:

- 28 (a) *Pedro bebeu o vidro. (= 25a)
(b) * Pedro bebeu os vidros.
(c) *Maria lavou o leite. (= 24b)
(d) *Maria lavou os leites.
- 29 (a) Pedro bebeu todo o vidro.(= 26a)
(b) Pedro bebeu todos os vidros.
(c) *Maria lavou todo o leite.
(d) *Maria lavou todos os leites (o de cabra e o de vaca).

Os dados em (28) mostram que as DDs não atendem à seleção argumental desses verbos. E o paradigma (29) mostra que “todo” soluciona alguns, mas não qualquer caso de incompatibilidade. Por quê? “Todo” exige, já dissemos, que o predicado em seu escopo nuclear seja distribuído pelas partes da denotação nominal em sua restrição. DDs na restrição de “todo” são sempre sintagmas de medida. Como já vimos, qualquer dos componentes de um sintagma de medição extensiva pode não ser abertamente realizado; ele é contextualmente recuperado. Mas as unidades de medida são realizadas

apenas por nomes contáveis. “O vidro” é um nome contável e pode ser entendido como uma medida, compondo o sintagma de medição “o vidro de ___”. Como recipientes de vidro podem ser preenchidos por líquidos, (29a/b) atendem à seleção verbal e as sentenças são bem formadas. Uma vez que a variável está aberta no sintagma de medição, o conteúdo é recuperado discursivamente. O falante cooperativo mapeia o sintagma de medição dessas sentenças a uma certa quantidade de líquido. Mas outros nomes de massa poderiam preencher a lacuna do sintagma de medida sem satisfazer a seleção argumental do verbo. Se, em vez de uma medida de leite ou xarope, pensarmos em “todo o vidro” como uma certa quantidade de areia ou canela em pó, o sintagma de medida já não será compatível com a posição de complemento do verbo “beber”.

Uma vez que “todo” marca a leitura da DD como um sintagma de medida incompleto, e o falante cooperativo pode resgatar a compatibilidade do argumento com o verbo em (29a/b), por que isso não é possível em (29c/d)? Porque um nome de massa só pode ser mapeado à extensão, àquilo que está sendo quantificado. “O leite” só pode ser uma certa quantidade de leite. É o nome contável que está ausente; por isso, o que está em aberto é a medida. A natureza líquida da extensão não pode ser alterada contextualmente.

O cerne do sintagma de medida, a extensão, aquilo de que há certa quantidade, é o argumento. Se a medida está em aberto, a quantidade é fixada pelo contexto (28c/d). Se a medida está dada, então o núcleo do argumento varia conforme a situação de fala (29a/b).

O nome contável em DDs singulares jamais pode denotar a extensão. Em qualquer expressão construída com uma DD singular, o nome contável será a unidade de medida de um sintagma de medição (se estiver na restrição de “todo”) ou não será um sintagma de medição com uma lacuna, e sim uma denotação atômica (fora da restrição de “todo”). Já um nome de massa, dentro de uma DD, sempre será mapeado à extensão de um sintagma de medição, e nunca à unidade de medida. Uma DD com nome de massa jamais terá denotação atômica. O fato observado é que, para uma DD com nome de massa, estar na restrição de “todo” não faz diferença para a s-seleção do verbo. Isso porque, se o todo, na estrutura de parte-todo da DD com nome de massa, atender à s-seleção do predicado, as partes denotacionais necessariamente também atenderão.

DDs com nomes de massa são denotações com partes. O que “todo” faz é distribuir a predicação sobre as partes. Porém, uma DD singular com um nome contável não tem partes: é uma denotação atômica. Na restrição de “todo”, não há acesso às partes denotacionais de um nome contável singular, simplesmente porque não existe parte nenhuma. O que acontece é

a interpretação dessa denotação atômica como uma única unidade de medida (de cardinalidade igual a 1/"um") para uma substância a ser identificada pelo contexto. No caso de a s-seleção do predicado ficar satisfeita com a denotação do conteúdo, a sentença melhora com a inserção de "todo". Mas, caso a s-seleção do predicado no escopo nuclear do quantificador "todo" não possa ser satisfeita com a leitura da denotação atômica como unidade de medida de uma outra coisa, a sentença será perfeita sem "todo", e péssima com "todo". Por exemplo:

- 30 (a) João matou a barata.
 (b) *João matou toda a barata.

O verbo "matar" exige como argumento seres vivos inteiros. "Todo", por operar sobre "partes", força a compreensão da denotação atômica como a unidade de medida de outra coisa, da extensão, esta não abertamente realizada. Uma extensão, como já vimos, pressupõe partes: é uma denotação massiva. Mas não há parte alguma contida nesse indivíduo que satisfaça a seleção do verbo. Órgãos de "barata" não são, por si sós, um ser vivo. Por isso, a DD sozinha, em (30a), atende à seleção do predicado, e a DD na restrição de "todo" (30b), não: apenas um indivíduo completo serve de argumento para "matar". A versão plural de (30b) é perfeita (cf. 31), porque a denotação de um nome contável plural contém indivíduos inteiros, e a predicação pode recair sobre essas partes (em atendimento às exigências distributivas de "todo") e atender, ao mesmo tempo, às exigências seletivas do verbo:

- 31 João matou todas as baratas.

Por outro lado, não há como uma DD singular com nome de massa, fora da restrição de "todo", gerar uma sentença bem formada com certo predicador e, na restrição de "todo", deixar de atender às suas exigências seletivas. Nenhum caso semelhante a (30) será encontrado com DDs singulares com nome de massa. Isso porque nomes de massa não apresentam denotações atômicas, e nomes contáveis sim. Por exemplo:

- 32 (a) Luís derramou o suco.
 (b) Luís derramou todo o suco.

A DD "o suco" é um argumento tão bom quanto o QP "todo o suco". O contraste entre o paradigma (30) e o (32) se deve às diferenças entre as denotações de nomes massivos (que sempre têm partes da mesma

qualidade do todo, em quantidades diferentes) e a de nomes contáveis (cujas partes são atômicas). Não vemos como seria possível, após o exame desses dados, sustentar que a oposição massivo-contável é uma mera ilusão criada por diferenças na complexidade estrutural dos sintagmas nominais, como sugere Borer.

5 A OPOSIÇÃO MASSIVO-CONTÁVEL EM SINTAGMAS NOMINAIS COMPLEXOS

Resumimos aqui nossos achados quanto aos sintagmas de medição extensiva. No quadro da teoria da optimalidade, podemos estabelecer graus entre as propriedades atonicidade e cumulatividade. Um ranqueamento possível é o apresentado a seguir:

TABELA 1

MAIS ESPECIFICADO/ MARCADO PARA ATOMICIDADE	MAIS ESPECIFICADO/ MARCADO PARA CUMULATIVIDADE	ELSEWHERE (SUBESPECIFICADO / NÃO-MARCADO)
DD Singular com nome contável	DD Singular com nome de massa	DD Plural

Devido à marcação para cumulatividade/atomicidade, a distribuição encontrada dentro de qualquer DD complexo, que seja um sintagma de medição extensiva, é a seguinte:

- (i) um contraste claro e bem recortado
Nome contável singular X nome de massa

Se uma DD singular complexa contiver um nome contável e um nome de massa (ex.: “o copo de água”), o nome contável será mapeado à unidade de medida/ao recipiente (no ex., “copo”); e o nome de massa será mapeado à substância/extensão, cuja quantidade é a determinada pela unidade de medida (no ex.: “água”).

- (ii) um incremento de cumulatividade
Nome plural > nome de massa

Se uma DD plural complexa contiver um nome plural e um nome de massa (ex.: “os baldes de areia”), o nome plural será mapeado à unidade de medida/ao recipiente (no ex.: “os baldes”); e o nome de massa será mapeado à substância/extensão, cuja quantidade é a determinada pela unidade de medida (no ex.: “areia”).

- (iii) um incremento de atonicidade
Nome plural > nome nu contável

Se uma DD plural complexa contiver um nome plural e um nome nu contável (ex.: “os sacos de bala”), o nome plural será mapeado à unidade de medida/ao recipiente (no ex.: “os sacos”); e o nome nu contável será mapeado à substância/extensão cuja quantidade é determinada pela unidade de medida (no ex.: “bala”).

- (iv) pareamento em atonicidade/cumulatividade (empate)
DP plural = DP plural

Se uma DD plural complexa contiver dois nomes (contáveis) plurais (“as cestas de flores”), a resolução de qual deles será mapeado à unidade de medida/ao recipiente e de qual deles será mapeado à substância/extensão cuja quantidade é determinada pela unidade de medida deixará de ser pré-determinada pela gramática. Será necessário que o falante recorra ao seu conhecimento de mundo para identificar qual das duas denotações expressa aquilo que está contido/medido e qual expressa a unidade de medida/recipiente. Por exemplo, segundo o nosso conhecimento de mundo, cestas não podem ser acondicionadas em flores, mas flores podem ser acondicionadas em cestas. Com esse recurso, o falante decide que o nome “cestas” denota uma unidade de medida no plural, e “flores”, nessa DD complexa, denota a extensão, cuja medida é a dada pelo número de cestas que as contém.

O esquema em (33) explica como o contraste massivo-contável opera na interpretação de sintagmas de medição extensiva completos pelo falante. No caso de sintagmas de medição extensiva com um único nome, o falante também se guia pela oposição massivo-contável. Por exemplo, em DDs singulares, nomes de massa são sempre mapeados à extensão. Quem ouve uma DD como “a cerveja” vai buscar na saliência discursiva a unidade de medida que determina o quanto de cerveja. Já uma DD singular simples, com nome contável, não é um sintagma de medição extensiva com uma lacuna a ser contextualmente preenchida. Ao ouvir “Traga-me a garrafa”, o falante não vai buscar no contexto uma medida saliente: trata-se de um único indivíduo-padrão do tipo “garrafa”. Porém, ao ouvir o QP “João bebeu toda a garrafa”, a presença de “todo” informa que não foi o objeto “garrafa” em si que João bebeu, mas que a DD deve ser compreendida como um sintagma de medição incompleto. Dado que o nome expresso é contável singular, o que está designado abertamente é unidade de medida; e o falante

vai buscar no contexto a informação de que substância, em quantidade equivalente ao conteúdo de uma garrafa, João bebeu. Para as decisões acima descritas, o falante se baseou exclusivamente no contraste massivo-contável. Se esse contraste fosse anulado pela complexidade estrutural dos sintagmas nominais, não haveria como prever, para todos os casos em que o sintagma de medição extensiva é realizado como uma DD de um único nome, se esse nome corresponderia à unidade de medida ou àquilo que está sendo mensurado.

Uma hipótese é que essas decisões fossem tomadas sempre com base no conhecimento de mundo do falante, como é preciso que seja no caso de uma DD complexa com dois nomes plurais. Parece possível imaginar que as línguas naturais não sinalizassem efetivamente para a identificação dos componentes internos de uma DD complexa como um sintagma de medição extensiva. Mas preferimos pensar que as línguas naturais são sistemas menos aleatórios. E o fato de que o contraste massivo-contável nos permite prever qual dos componentes de uma DD complexa terá de ser buscado no contexto reforça essa posição.

6 FECHAMENTO/ CONCLUSÃO

Para sustentar a inexistência das categorias lexicais (ou distinções de raiz) entre massivos e contáveis, Borer (2005) argumenta que os NNs ditos de massa podem, facilmente, ser conduzidos, por *type-shifting*, a uma “interpretação contável”, assim como, inversamente, os NNs ditos contáveis podem vir a ter “interpretação massiva”; porém, segundo Borer, após o sintagma incluir morfologia de plural ou um determinante, a “mudança de tipo” na interpretação nominal fica indisponível. Os dados examinados em PB refutam esse argumento. QPs (sintagmas quantificados) e DDs, para Borer, são sintagmas nominais ricamente estruturados, e neles a diferença entre massivo e contável não deveria ter papel algum. No entanto, se a DD está na restrição de “todo”, o(s) nome(s) dentro dela é/são tanto quantificado(s) por “todo” quanto pelo artigo definido. E aí mesmo a oposição massivo/contável é crucial. Mostramos ainda que “todo” opera um *type-shifting* na denotação de DDs singulares (exclusivamente) com nomes contáveis, desafiando a tese de Borer de que a complexidade estrutural bloqueia essas mudanças de interpretação.

RESUMO

Este artigo toma posição em defesa da distinção (lexical, em termos de classes nominais) entre nomes contáveis e massivos, dado que ela marca tangivelmente os produtos de operações de número e medição sobre denotações nominais. Os dados empíricos analisados são sentenças do PB (português do Brasil) com DDs (descrições definidas), na restrição do quantificador “todo” ou não. Defendemos que os dados do PB reiteram a análise tradicional, uma vez que a distinção entre massivos e contáveis é capaz de explicar a distribuição do quantificador “todo” e a interpretação de DDs dentro e fora de sua restrição. Palavras-chave: *sintagmas de medição extensiva; massivo versus contável; todo*.

ABSTRACT

This article deals with the opposition between mass and count nouns. We argue in defense of the lexical/ stem base for such distinction, in the basis of how pervasive it is through all structural levels of nominal phrases. We go through Brazilian Portuguese data, examining Bare Nouns, Definite Descriptions and Quantified Phrases. Regardless of the structural complexity of the Nominal Phrase, the distributions facts observed could not be explained without the distinction between mass and count.

Key-words: *extensive measure phrases; mass versus count nouns; distributive quantifiers*.

REFERÊNCIAS

- BORER, H. The name of the adjective. WORKSHOP “QP STRUCTURE, NOMINALIZATIONS, AND THE ROLE OF DP”, em 17 dez. 2005.
- CHERCHIA, G. Plurality of mass nouns and the notion of semantic parameter. In.: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and Grammar*, p. 53-103, 1998.
- KRIFKA, M. Bare NPs: Kind-referring, Indefinites, Both, or Neither? In: *Proceedings of SALT XIII*, 5, 2003.
- _____. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN (Ed.). *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 197-23.
- LINK, Godehard. The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms (A Lattice-Theoretical Approach). In: BAUERLE, Schwarz; STECHOW, Von. (Orgs.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Walter de Gruyter, Berlim, p. 302-323, 1983.